

COMPLEXO GAULÊS

NO. 18. v. 53

Como os indivíduos, têm os povos os seus complexos. Duramente provada pelas vicissitudes políticas, tendo tido sucessivamente nove constituições no período de 1791 a 1875, tendo experimentado o despotismo sob as suas mais variadas formas, tem a França o complexo do cesarismo: teme mais que tudo os homens ávidos de mando.

Isto explica que, tendo abandonado o sistema presidencial, que, pouco depois de estabelecido lhe dera o golpe de Estado de Luís Napoleão, elevado pouco antes à presidência da República pelo voto popular, e adotando em 1875 o sistema parlamentar, a França tenha tomado precauções especiais contra as devastações do cesarismo. Dependia de aprovação do Senado a dissolução da Câmara e o Senado, depois da abusiva dissolução decretada pelo presidente Mac-Mahon, soldado de poucas luzes e partidário da restauração monárquica, passou a denegá-la sistematicamente, caindo, assim em desuso este processo essencial ao equilíbrio dos poderes no sistema parlamentar. E isto o que explica, muito mais que o temperamento do povo gaulês, a instabilidade ministerial naquêle país.

Mas nem por isto se julgou segura a democracia na França. Com exemplar prudência, tem ela afastado da suprema magistratura as individualidades demasiado fortes. Assim foi com Clemenceau, assim está acontecendo com De Gaulle, que talvez não tenha merecido menos da pátria na segunda conflagração mundial. Nem primeiro ministro pode hoje aspirar a ser o chefe da Resistência, por causa da sua insopitável tendência cesárea, que o leva logicamente a preferir o presidencialismo ao parlamentarismo.

Pois, apesar de tôdas estas cautelas, mais instintivas do que raciocinadas, um presidente houve que, estabelecido no cargo, quis exercê-lo à maneira presidencialista, como procurariam fazê-lo Clemenceau e De Gaulle, na mesma posição: foi êle Millerand. Tal porém, a reação da opinião pública e do Parlamento então produzida, que o mandão se viu obrigado a renunciar.

A luz dêstes fatos melhor há-de compreender o ilustre articulista do «Jornal do Brasil», por que não pôde o «Tigre» realizar a sua aspiração máxima: exercer a presidência da República.